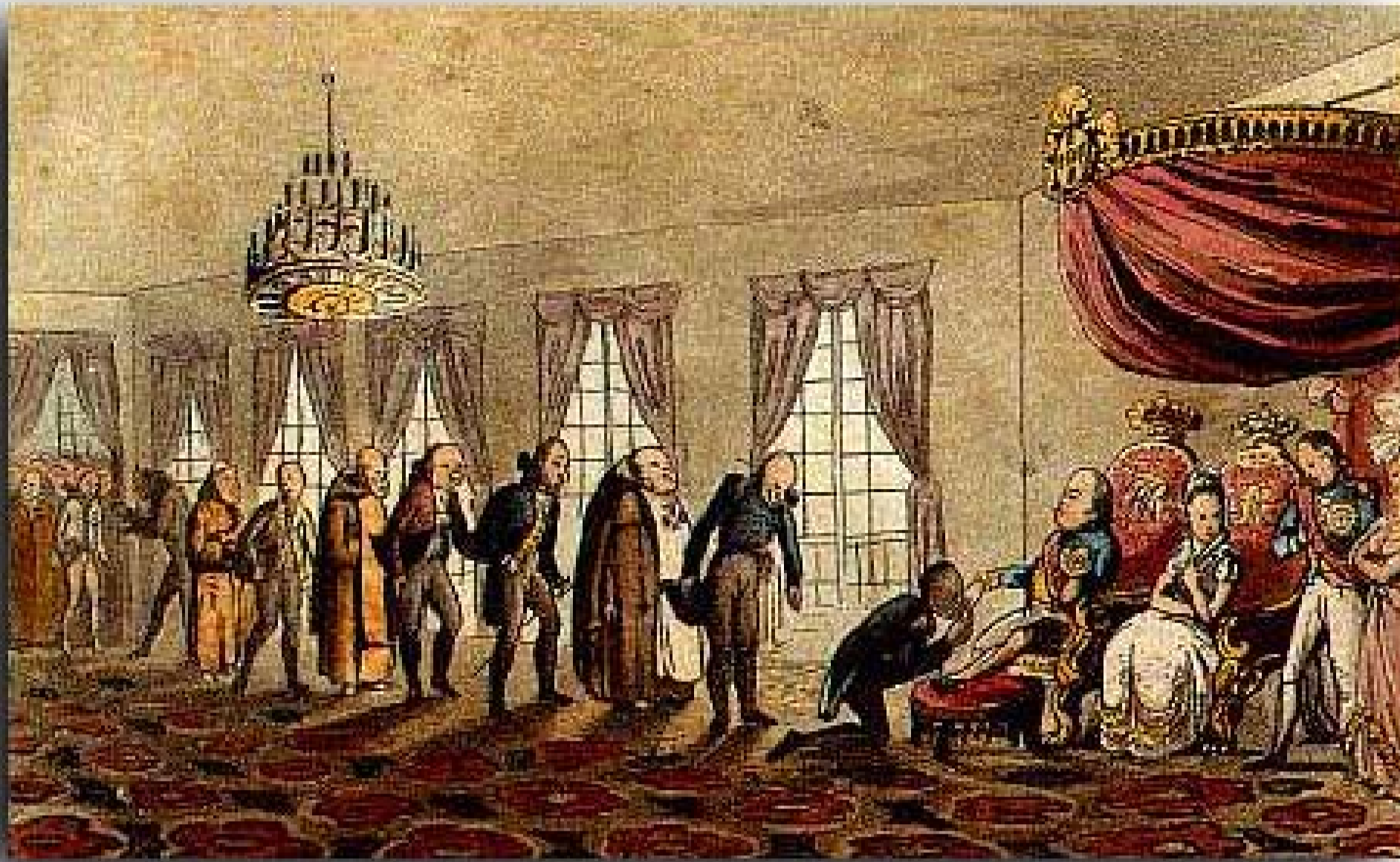


As Diligências do “BEIJA-MÃO”



Os princípios dos serviços de transporte coletivo na cidade do Rio de Janeiro estão ligados a um fato deveras curioso: a cerimônia do beija-mão, quando da estadia de D. João VI no Brasil. A mudança do status da cidade, de capital colonial a capital de um reino trouxe alterações profundas, impostas pelas exigências da vida na corte. Uma das atividades que compunham a rotina da vida monárquica era justamente a referida cerimônia, através da qual os súditos de Sua Majestade iam lhe prestar homenagem e mostrar submissão, e também aproveitar para pedir algum favor.

Quando o rei se deslocava para a fazenda de Santa Cruz, a corte o acompanhava, e muitos de seus súditos — que podiam — realizavam a peregrinação até este local, para render homenagem ao soberano. Entretanto, para aqueles que não dispunham de meios próprios de locomoção, essa tarefa tornava-se quase impossível.

Aproveitando-se dessas circunstâncias, Sebastião Fábregas Surigué solicitou à Sua Majestade, e conseguiu obter, em 1817, a concessão para a exploração de um serviço de coches e seges entre a cidade e Santa Cruz, e também para a Quinta da Boa Vista. A viagem para Santa Cruz levava muitas horas. As diligências saíam do Largo de S. Francisco às 4 da manhã, e de Santa Cruz às 5 e meia da tarde, chegando ao Centro de volta às 10 e meia da noite.

Todo esse esforço, porém, devia compensar a satisfação dos peregrinos, que podiam, segundo o próprio Rei, “ter a honra de beijar a minha augusta e real mão”.

Apesar da motivação para uma tal viagem, que hoje em dia poderíamos considerar como fútil — mas que certamente as pessoas do tempo não achavam — esse fato motivou a criação do primeiro serviço de transporte coletivo no Brasil, até então inexistente, e por isso deve ser considerado um marco, um princípio.

